

operações que vós, oh! filhos do povo, sois chamados a dar o vosso sangue.

Mas que ao menos, na hora suprema do destrinçar das responsabilidades, possamos dizer, de cabeça erguida, que semelhante crime não se cometeu sem o nosso mais veemente e colérico protesto.

A. QUINTANILHA.

A resistência ao invasor

No n.º 5 do *Germinál*, Emílio Costa diz que, nos países invadidos, é natural que os próprios anarquistas, sofrendo a influência do meio, revoltados contra as barbaridades dos invasores, ante a ameaça do perigo imediato, se deixem arrastar mais pelo temperamento do que pelas ideias e cedam às «circunstâncias individuais de momento.»

É naturalíssimo. Mas explicar um acto e mesmo desculpá-lo, olhando com benevolência e simpatia os seus autores, não é o mesmo que dá-lo como exemplo a imitar, ou como tática própria de determinada teoria.

Demais, o que está em discussão não é o acto forçado dos que são obrigados a partir para a guerra: poderemos ainda lamentar a sua obediência á mais terrível das coacções, mas não temos o direito de os censurar e de reclamar heroísmos. E não é só nem principalmente o acto voluntário dos que se armam contra a invasão, sobretudo se o fazem apenas com esse intuito restricto, se resistem como resistiriam a qualquer violência, venha ela donde vier e sejam quais forem as suas causas e causadores. Podem fazê-lo de boca fechada, ou até abrindo a em maldições contra a corja interna que trabalhou, como as outras, para a catástrofe e os obriga a uma luta desgraçada, semeadora de ódios e destituída de elevado escopo.

O pior, repetimos mais uma vez, é magnificar a guerra, atribuir-lhe fins revolucionários, chamar-lhe «guerra de libertação» para a Europa e para a humanidade, considerar um exército como «instrumento» próprio para destruir o militarismo, convidar os povos á conflagração, ter por imperialismo sómente um deles, proporcionar ao inimigo razões e força justificativas dos exércitos e armamentos contra o Estado imperialista que amanhã predominar, olhar a questão das responsabilidades na guerra dum ponto de vista puramente democrático, isto é, ver só as responsabilidades aparentes, superficiais e de momento, tomar o partido dum grupo de Estados, descobrindo nele todas as virtudes e inocências e só no adversário todas as culpas e maldades, etc., etc. Não são nocivas estas ideias forças, contrárias aos nossos fins e métodos?

A questão posta desta vez pelo nosso amigo não é bem a da atitude dos anarquistas como tais, como movimento com fins e métodos próprios, ou, digamos assim, como partido. Basta considerar que o conselho de resistência ás atrocidades do invasor deve então ser dado também aos revolucionários da Prússia Oriental e da Gália contra os russos e amanhã aos da Prússia Renana e do Palatinado contra os aliados. Mais: os que hoje repelem a invasão teutónica devem amanhã recusar ultrapassar a fronteira, ou mesmo pôr-se ao lado dos novos invadidos...

Mas então, que é da «guerra de libertação» onde está o esmagamento do imperialismo... germânico? onde o triunfo da democracia? onde as vantagens revolucionárias da «vitória» dos aliados?

União Anarquista C. R. Sul

Na sessão 6 de corrente resolveu: levar á prática a caixa de auxilio aos perseguidos por questões sociais; pedir a todos os camaradas que concorram com o que puderem para este humanitário fim; realizar sessões de propaganda doutrinária, sendo a primeira hoje, ás 16 horas, na sede da secção da construção civil do Beato e Olivais, rua de Marvila, 39-1.º andar. Toda a correspondência e doativos devem ser enviadas para a Travessa da Agua da Flor, 55-1.º andar.

Recortes e retoques

Sempre os mesmos

Subordinados ao título *A Opinião*, articula-se, em fundo, no *orgão* do Dr. Afonso Costa.

O sr. Camacho, se já não contava com a opinião pública, que dele intencional e muito propositadamente esteve sempre divorciada, menos conta agora com ela, pois o país acabou de certificar-se de que o mesmo sr. Camacho só possui qualidades para desorganizar, desorganizar, baralhar, irritar e maliciar. As suas campanhas de dissolução cívica e patriótica, de especulação desorganizadora, com o fim de atingir representações de carácter pessoal e político, para o que não escrupulizou em servir-se de todos os meios de enxada e achincalhamento, desgostaram profundamente o país. E se até aqui havia a indiferença absoluta da opinião pela individualidade política do sr. Camacho, nos últimos tempos essa indiferença transformou-se em uma evidentiíssima repulsa.

Mas porque não falava desta forma, clara e conclusiva, o *orgão* officioso do afonsismo quando o sr. Camacho o especava e era a sua melhor escória?

Verdade seja que nos *orgãos* camachianos a linguagem não difere, embora no outro mundo, perdão, no outro tempo ela fosse perfeitamente diferente. De tudo isto resulta que os afonsistas de cima são os unionistas de baixo e vice-versa.

Em conclusão: *O chanceler de ferro* democratico, vale tanto como o *Maura*, regulamentador do direito á greve, unionista.

... A ambição juntou-os no lodçal politico: Sempre os mesmos...

Quem os não conhecer...

Mais aliviado da maldita gota, escreve o *conego* José d'Alpoim, no «nosso» *Janeiro*:

Ha dias, um inimigo dos democráticos dizia, sinceramente convencido, que deviam ser presos todos os suspeitos de serem *formiga branca* e mandados já para Angra do Heroísmo os soldados e sargentos que foram apanhados pela policia na noite da chamada tentativa de golpe d'Estado, e que parecem ser em numero organte de 250 pessoas. O inimigo dos democráticos dizia que era para os fazer sofrer o mesmo que haviam padecido os revoltosos de 27 de abril, e queria ainda que fossem expulsos todos os empregados do mesmo partido e castigados os officiaes que fossem democraticos, esquecendo até que, entre estes, ha alguns que se solidarisaram com o movimento dos seus camaradas!

Desde que em Portugal se proclamou a democracia triunfante com a sua base moral, a fraternidade, jamais deixou de ser outra coisa que não fosse acendrado ódio mutuamente alimentado pela obsecção insofrida de escalar o poder.

Mas quando é que assim não succedeu, sé é verdade o que resam os anais históricos?

Seria, pois, rematada loucura supôr uma excepção nos politcantes cá do burgo...

E quando elles assim se amam apenas na disputa da gamela, que, a final, mais tarde ou mais cedo, vai parar ás mãos dos vencidos transitoriamente, o que não seriam elles capazes de fazer a quem lh'a arrebatasse duma vez para sempre!

Muito nos haviamos de rir de tanto desinteressado amor á causa... e á barriga.

Na hecatombe

Na *Republica*, que nem porrisso veste camisa de pouco tempo a *deus*, achamos, ao abandono, esta preciosidade *inestimavel*:

Como se vê, com tudo se faz politica. Os aliados queriam o Papa por seu lado, pedindo a *Deus* que lhes desse a vitória, a eles, e arrazassem o império germânico, não deixando dele pedra sobre pedra. E por fim, ainda queriam que o vigário de *Deus* sobre a terra abençoasse os aliados, como prólogo da canonização e amaldiçoasse os destrójos dos alemães e austriacos para eles «podreçerem mais depressa».

Com franqueza, parece-nos exigir muito sobretudo se repararmos que quem assim reclama são os católicos. Se fossem os outros, era natural, por que enfim, sempre era uma maneira de encravar o Vaticano. Fazendo-o, os católicos, fica-se sabendo que não é de todo arbitraria aquela velha opinião segundo a qual o céu também é capaz de fazer o seu negócio...

Com que então, srs. da grande imprensa, os aliados, mesmo com a França do separado á frente, teriam imenso gosto em que o Papa estivesse do lado deles?

Muito nos contam... Mas então, como se havia de conciliar isso com a Inglaterra protestante? Sufa, que os interesses capitalistas são capazes de tudo...

Como diz Croiset

O positivista Alfredo Pimenta,

o renegado, dava, ha dias na *Republica* uma lição de «virtudes», aos seus biliões de leitores, a proposito da base aristotélica da democracia.

Depois de muitas outras coisas, aliás, bem ditas, escreve o *discipulo* do grande filósofo Augusto Comte:

É fletido todo o progredimento que assenta em sofismas ou fórmulas vãs, e se firma em principios imaginários. Ensine-nos ás camadas populares o conceito scientifico da democracia, e não permitamos que nos enganemos, e aspirações illusórias pervertam a sua intelligencia e sugestionem a sua vontade. Digamos-lhes com Croiset que «as formas do governo não são mais do que quadros oferecidos ao jógo-mais ou menos livres das forças do individuo» e que todas, uma vez estabelecidas são boas ou são más, segundo o valor dos homens que as servem e as fazem servir os seus propósitos. Digamos-lhes que a virtude sendo a base aristotélica da democracia, «há raças, como diz Croiset, incapazes dessa virtude.»

Ah, meu bom Pimenta!

Aquellas lições de Croiset misturadas com a doutrina dos *resíduos* do mais que illustre construtor da filosofia dos tres estados, deve ter arregimentado ao partido evolucionista para cima de trinta correligionarios.

Assim, depois do estacionamento forçado do partido evolucionista na opposição, bem mal andou o sr. Arriaga em não depor as rédeas do poder nas castas mãos do chefe de tão maravilhoso partido.

Sempre era uma solução bela: o unionismo a declinar deante do afonsismo e este deante do evolucionismo, tal qual vai succedendo á teologia perante a metafisica e á metafisica perante a sciencia.

E então é que era vellos numa republica ideal estabelecida com o positivismo e moralizada com as prédicas croisetistas.

Democracia... do sonho!

As leis «protectoras»

O *Seculo* atirava-se como gato a bofes á lei dos accidentes de trabalho, vista a decisão burlesca do tribunal de arbitros avidores nos processos provocados pela catástrofe da Companhia do gaz, decisão, aliás, derivada da insuficiencia da lei, segundo se deprehendia do enunciado pelo articulista.

Vai daí o sr. Estevão de Vasconcelos, que foi o autor de tal *colsa*, sobre as escadas do Directorio e, numa conferencia, explica os intuitos da lei, no que foi muito aplaudido, bem como os seus contraditores Campos Lima e Sobral de Campos.

Até aqui a coisa parece o que ha de mais naturalíssimo; mas, segundo o *Mundo* presidiu á sessão o *Chanceler de ferro* que, ao encerra-la, mais uma vez se afirmou o amigo dos operários com cujas reivindicações estava de acordo por justas e humanitárias.

Se não estivéssemos próximos, mesmo muito próximos do período eleitoral, era motivo para se perguntar a Robles-Pierrot, se já se esqueceu das prisões de operários, que estiveram na gaiola oito mezes sem culpa formada no tempo do seu consulado e se se não recordava de ter encerrado a Casa Sindical e outras agremiações legalmente organizadas.

Mas como se avizinha o período das tranquiérbias politicas, nem perdemos tempo com semelhantes ninharias nem sua Ex.ª preocupar-se-ia, assoberbado como anda, ou deve andar com a pedinheira de votos, para achar uma resposta a fim de nos contentar.

O amigo dos operários!

O maganão!

Velhos processos

O *Mundo*, que sublimou o acto,—não discutimos se legal se ilegal, que duma ou de outra forma nos é indiferente,—rejubilou com a noticia de que os officiaes presos em Extremoz iam ser postos em liberdade.

Ora se no jornal onde se escreve como o patrão escreveria se soubesse escrever, não houvesse um *deus* para uns e um *diabo* para outros, tornar-se-ia simpática uma campanha para libertar os operarios que, ingenuos, cairam na celeberrima *fla* do atentado da Praia das Maças.

Sim, porque de duas uma; ou ha moralidade, ou comemos todos, como dizia o sapateiro de Braga se ainda vivésse,

Questão de dogmas

É claro que podemos estar equivocados, não só na questão da guerra europeia, mas nas outras concepções, inclusivé nas que julgamos fundamentais para o anarquismo. Nunca pretendemos o contrario, e estamos sempre dispostos a mudar de opinião, desde que nos seja demonstrado que laboramos em erro. Entretanto, vamos discutindo as ideias que consideramos errôneas e aceitando o debate sobre as que temos por verdadeiras,—e não nos parece que isso seja dar mostras de dogmatismo.

Por várias vezes na nossa vida temos rectificado alguns dos nossos juízos e teorias, feito a revisão de muitos pontos de doutrina; e não esperámos a guerra para discordar de certas práticas e modos de ver, em voga em muitos meios revolucionários. Admitimos de boa vontade que os actuais acontecimentos possam levar a descobrir e corrigir erros no nosso movimento, podendo até dar-se o caso de serem esses erros alguns dos que há muito vimos apontando. E' o que veremos e discutiremos oportunamente.

E' isso motivo para deixarmos de criticar as opiniões que nos parecem errôneas e nocivas, ainda que elas partam de anarquistas? Ou o facto de virem de anarquistas basta para que as devamos tomar como conformes aos principios anarquistas e aos interesses do anarquismo, do proletariado e da revolução social? Essa circunstancia pode mesmo dar-lhes maior nocividade.

Emílio Costa acha exagerado o alarme causado em muitos camaradas pela attitude guerrista de anarquistas notórios e estimados. Talvez tenha razão, e exagere há-o certamente em afirmar que elles «estavam matando o anarquismo»,—um desses disparates que escapam no calor das discussões orais.

Mas, num momento de crise, em que mais necessária se torna a unidade moral no seio das minorias revolucionárias, em que todas as vontades e atenções se concentram numa auto-defesa desesperada, não podem fazer-nos grande mal, vozes semeadoras de confusão e desorientação, sobretudo se veem dos nossos e se esses nossos são escutados e tem grandes responsabilidades intellectuais? Não podem os nossos proporcionar na melhor boa-fé, armas ao inimigo? Não acolheu a imprensa burguesa, lida pelo grande publico que as nossas pequenas folhas mal atingem, essas declarações de anarquistas, fazendo grande ruido em tôrno delas, telegrafando-as para os quatro cantos do globo, proclamando a falência do antimilitarismo e o arrependimento dos anarquistas?

Além da questão das ideias, há a questão da oportunidade. Mas, em suma, sem nos apavorar jamais a revelação de opiniões contrárias—como se os anarquistas estivessem acostumados a fugir ás discussões!—consideremos aquellas ideias errôneas e nocivas e como tais as combatemos, sem duvidar de nenhuma intenção e de nenhuma boa-fé.

Emílio Costa não terá certamente abandonado a sua convicção sobre o valor das *ideias-forças*. Decerto não se converteu a um fatalismo, de carácter verdadeiramente religioso, segundo o qual seriam indifferentes os nossos actos e palavras para o progresso e boa orientação do anarquismo. Se não, para que lutar e fazer propaganda? Sim, para quê, se realmente o anarquismo em nada dependesse das nossas discussões e attitudes? Será o anarquismo alguma igreja de instituição divina, contra a qual não prevalece o inferno?...

Entre os exemplos bem diferentes citados pelo nosso camarada, há o do individualismo moralista, o caso Bonnot. Mas então Emílio Costa não acha, precisamente, que isso causou um grande mal ao anarquismo, corrompendo e desfibrando os meios revolucionários franceses? Ainda em 8 de Agosto, logo após a declaração de guerra, o recordava, além de outros, o manifesto de *Les Temps Nouveaux*, traduzido para o nosso numero de 6 de Setembro. Porque nada disso matou o anarquismo, o qual não morre nem se

eclipsa com duas razões, o nosso amigo entende que o que não mata engorda.

Nós achamos, pelo contrario, que a hygiene da discussão não é de todo inútil; e discutir com convicção e ardor não é dogmatizar.

Notas Rubras

O Carnaval

Estamos em pleno Entrudo. Já de várias formas o Carnaval se fez anunciar...

Decorre, pois, a época da folia. Os estúrdios e os despreocupados da vida teem agora momento a-sado para se divertirem doidivamente...

Estamos em pleno Carnaval. Pelas ruas e salas ha animados jogos entrudescos. Em poucos dias, em curtas horas, em escasos minutos até, gastam-se quantias enormes, o suficiente para saciar muita boca sedenta de pão, o bastante para extinguir muita miséria...

Estamos no Entrudo, estamos no Carnaval.

A vida presente é assim: Uma vez — *tragédia*, outras — *comédia*; e ainda muitas — *carnaval*...

Num julgamento

No tribunal de Coimbra foi julgado na semana transacta uma «troupe» de rapazes de 12 a 19 anos de idade, acusados de cometerem varios furtos.

Um dos réus, ao ser interrogado, pronunciou as seguintes frases:

«Se a primeira vez que eu respondi, e que foi ha anos, fosse internado numa casa de correção, certamente me teria regenerado. Porém, fui condemnado a prisão correccional e na nossa cadeia, entre natos e via criminosos, comeci a conhecer a escola do vicio e sai d'ali em vez de regenerado, habilitado e orientado na senda nefanda da pratica do crime. Agora, senhor juiz, peço-lhe que me condene a pena maxima porque na cela isolada da Penitencia e na officina do trabalho eu pude regenerar-me, saindo d'ali um cidadão digno e prestavel á sociedade.»

Comoveram-me estas palavras. Sim, eu concordo que este preso não teria seguido uma vida de opprobrio se, em vez de o condemnarem a permanecer na cadeia, o tivessem internado numa escola de regeneração. E' nas prisões, mais do que em outra qualquer parte, que a perversão se apodera dos individuos.

Discordo, porem, do pedido, que, a ser verdadeiro, esse preso fez ao juiz. Não será na Penitencia, «a fabrica de loucos», que ele irá buscar sentimentos bons e amor ao trabalho.

Em lugar da solicitação que fez a esse presidente do tribunaal que se arvorou em seu julgador, devia recriminar todos aqueles que o impeliram a trilhar aquele caminho...

C. RODRIGUES

Hipocrisia Burguesa

Por ocasião de sexto congresso operário alemão, realizado em Hamburgo em 1908, *Le Temps*, o grave jornal burguês de França, que não perdia ensejo de tecer os mais rasgados elogios á organização operária germanica, aos seus chefes e métodos, escrevia o seguinte:

A ordem do dia do Congresso dá uma nova prova do espirito pratico e do sentimento do que é immediatamente realizavel, que caracterizam o movimento operário alemão. De greve geral e de antimilitarismo, nem sequer se fala ali.

Agora o mesmo jornal e seus partidários berram contra o militarismo teutónico, clamam que urja destrui-lo e incitam os povos a fazê-lo por ordem e conta dos governos.

Amanhã defendê-lo hão de novo, arranjar-lhe hão uma «paz honrosa» e condemnarão com indignação o antimilitarismo...